UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS

Rafael Salbego Balsemão

LITERATURA EM TEMPOS DE ANTROPOCENO:

Um diálogo entre *O Grande Desatino*, de Amitav Ghosh,
e *A Extinção das Abelhas*, de Natalia Borges Polesso

Porto Alegre
2026

Rafael Salbego Balsemão

LITERATURA EM TEMPOS DE ANTROPOCENO:

Um diálogo entre *O Grande Desatino*, de Amitav Ghosh,
e *A Extinção das Abelhas*, de Natalia Borges Polesso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Barros de Brito Junior

Porto Alegre
2026

CIP - Catalogação na Publicação

Balsemão, Rafael Salbego
Literatura em Tempos de Antropoceno: Um diálogo entre O Grande Desatino, de Amitav Ghosh, e A Extinção das Abelhas, de Natalia Borges Polesso / Rafael Salbego Balsemão. -- 2026.
38 f.
Orientador: Antonio Barros de Brito Junior.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Alemã e Literatura de Língua Alemã, Porto Alegre, BR-RS, 2026.

1. Antropoceno. 2. ecocrítica. 3. Amitav Ghosh. 4. Natalia Borges Polesso. 5. A Extinção das Abelhas. I. Barros de Brito Junior, Antonio, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Rafael Salbego Balsemão

LITERATURA EM TEMPOS DE ANTROPOCENO:

Um diálogo entre *O Grande Desatino*, de Amitav Ghosh,

e *A Extinção das Abelhas*, de Natalia Borges Polesso

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Alemã e Literatura de Língua Alemã da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Antonio Barros de Brito Junior

Aprovado em Porto Alegre, 9 de julho de 2026.

BANCA EXAMINADORA:

_____

Prof. Dr. Antonio Barros de Brito Junior (UFRGS)
Orientador

_____

Prof.ª Dr.ª Claudia Luiza Caimi (UFRGS)
Examinadora

_____

Prof. Dr. João Guilherme Dayrell de Magalhães Santos (UFRGS)
Examinador

AGRADECIMENTOS

Aos meus amigos e colegas que sempre me incentivaram a concluir o curso de Letras e estiveram comigo ao longo desta longa jornada. Em especial, à Liana Pithan, pela ajuda na revisão deste trabalho, pela paciência e por nunca me deixar desistir.

A todos os meus professores, da escola e da faculdade, pelas aulas, pelas conversas e por tudo o que ensinaram durante a minha formação. E, sobretudo, ao meu orientador, por sempre estar disposto a ajudar, por ter me acompanhado neste trabalho de conclusão de curso e por nunca titubear quando precisei de orientação e apoio.

Já li tudo, cara, já tentei macrobiótica psicanálise
drogas acupuntura suicídio ioga dança natação cooper
astrologia patins marxismo candomblé boate gay
ecologia, sobrou só esse nó no peito, agora faço o quê?

(CAIO FERNANDO ABREU, em Os Sobreviventes)

RESUMO

O presente trabalho coloca em diálogo *O Grande Desatino – Mudanças Climáticas e o Impensável*, de Amitav Ghosh, e o romance *A Extinção das Abelhas* (2021), de Natalia Borges Polesso, a partir das discussões contemporâneas sobre Antropoceno, ecocrítica e ficção climática. Parte-se da hipótese de que a crise climática desafia não apenas os sistemas políticos e econômicos, mas também as formas tradicionais de representação literária. Nesse contexto, o estudo analisa de que maneira as reflexões formuladas por Ghosh sobre os limites do romance moderno diante das mudanças climáticas podem ser articuladas à construção narrativa de Polesso, especialmente no que diz respeito à representação do colapso ambiental como experiência cotidiana. A análise demonstra que *A Extinção das Abelhas* articula degradação ecológica, precarização econômica, violência social e sofrimento psíquico, aproximando o colapso ambiental da experiência ordinária das personagens. Observa-se ainda que a obra desloca o foco para sujeitos historicamente vulnerabilizados, especialmente mulheres lésbicas e pessoas trans, evidenciando como a crise climática intensifica desigualdades já existentes. Em diálogo com as formulações de Ghosh, o estudo identifica que a fragmentação estrutural do romance, marcada por descontinuidades temporais, deslocamentos espaciais e instabilidade narrativa, funciona como recurso formal capaz de representar a experiência desagregadora do Antropoceno. Conclui-se, assim, que a literatura contemporânea pode operar como espaço de elaboração simbólica das transformações ambientais em curso, produzindo formas narrativas capazes de tornar visíveis as tensões sociais, políticas e subjetivas associadas à crise climática contemporânea.

Palavras-chave: Antropoceno; ficção climática; ecocrítica; Amitav Ghosh; Natalia Borges Polesso; A Extinção das Abelhas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **8**

2 ANTROPOCENO E LITERATURA **10**

3 AS IDEIAS DE AMITAV GHOSH EM O GRANDE DESATINO **15**

4 NATALIA BORGES POLESSO E A EXTINÇÃO DAS ABELHAS **19**

4.1 A ORGANIZAÇÃO FORMAL DO ROMANCE E A ESTÉTICA DO COLAPSO 26

5 DIÁLOGO ENTRE O GRANDE DESATINO E A EXTINÇÃO DAS ABELHAS **29**

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS **34**

REFERÊNCIAS **36**

1 INTRODUÇÃO

Em 2024, o clima da Terra atingiu marcos alarmantes. De acordo com a Organização Meteorológica Mundial (OMM), aquele ano foi o mais quente já registrado desde o início das medições sistemáticas. A temperatura média global da superfície alcançou 1,55 °C acima da média do período pré-industrial (1850–1900), com margem de incerteza de ±0,13 °C, ultrapassando simbolicamente o limite de 1,5 °C estabelecido pelo Acordo de Paris como referência para evitar os piores efeitos das mudanças climáticas.[1]

No Brasil, os impactos foram igualmente severos. O Rio Grande do Sul enfrentou, em maio de 2024, a maior enchente de sua história recente, com chuvas intensas que afetaram cerca de 2,4 milhões de pessoas e resultaram em 183 mortes.[2] Ao mesmo tempo, a Amazônia e o Pantanal registraram secas históricas, acompanhadas de uma redução significativa dos níveis dos rios e de um aumento expressivo nos focos de incêndio.[3] Esses eventos evidenciaram a intensificação de extremos climáticos e suas consequências diretas sobre populações humanas, biodiversidade e infraestrutura.

Em 2025, o cenário manteve-se instável, com a repetição de eventos climáticos extremos em diferentes regiões do país. O Rio Grande do Sul voltou a registrar episódios de chuvas intensas e cheias após a tragédia de 2024, notabilizando a recorrência de eventos hidrológicos severos em curto intervalo de tempo. Já no Norte, estados da Amazônia enfrentaram nova estiagem prolongada, com rios atingindo níveis críticos e comprometendo o abastecimento de comunidades ribeirinhas e o transporte fluvial. A repetição desses episódios ao longo de 2025 reforçou a percepção de que eventos antes considerados excepcionais passaram a compor a normalidade climática brasileira, pressionando sistemas de abastecimento hídrico, a produção agrícola e a infraestrutura urbana. O extraordinário, nesse contexto, deixou de ser exceção e passou a integrar o cotidiano.

---

[1] De acordo com a Organização Meteorológica Mundial (OMM), 2024 foi o ano mais quente já registrado, com base em seis conjuntos de dados internacionais. Já 2025 foi o terceiro mais quente já registrado no planeta, segundo dados divulgados pelo observatório climático da União Europeia, o Copernicus Climate Change Service. Segundo o relatório Global Climate Highlights 2025, a temperatura média global chegou a 14,97 °C, valor 1,47 °C acima do nível pré-industrial (1850–1900). O resultado ficou apenas 0,01 °C abaixo de 2023 e 0,13 °C inferior a 2024.

[2] Levantamento da Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA) indica que as enchentes de 2024 no RS foram o maior desastre natural da história do Estado e um dos maiores do Brasil, com chuvas com duração, intensidade e abrangência territorial jamais observadas no Brasil.

[3] O ano de 2024 registrou 30 milhões de hectares do território nacional atingidos por queimadas. Essa foi a segunda maior extensão que o fogo alcançou em 40 anos, ficando 62% acima da média para o período entre 1985 e 2024, como aponta o MapBiomas na primeira edição do Relatório Anual do Fogo (RAF) e da Coleção 4 de mapas de cicatrizes de fogo do Brasil.

Diante desse cenário, impõe-se uma questão que ultrapassa o campo das ciências naturais: qual é o papel das artes, e especificamente da literatura, em um mundo marcado pela intensificação do colapso ambiental? É possível pensar a produção cultural como um espaço de elaboração simbólica das transformações em curso?

Este trabalho parte dessas indagações para refletir sobre o lugar da literatura em tempos de Antropoceno. Busca-se analisar de que maneira a narrativa literária responde à crise climática e quais são seus limites e possibilidades diante de um cenário em que o colapso deixou de ser projeção futura para se tornar condição estrutural do presente.

Para isso, serão mobilizadas as reflexões de Amitav Ghosh em *O Grande Desatino – Mudanças Climáticas e o Impensável*, obra em que o autor diagnostica uma "crise da imaginação climática" na cultura contemporânea. A partir desse arcabouço teórico, será analisado o romance *A Extinção das Abelhas*, de Natalia Borges Polesso, que constrói uma narrativa distópica ambientada em um futuro próximo, marcado pela extinção das abelhas e pelo agravamento das desigualdades sociais.

O objetivo central é investigar como a obra ficcional de Polesso responde indiretamente, em termos narrativos e simbólicos, às críticas formuladas por Ghosh acerca da dificuldade da literatura contemporânea em representar a crise climática. Ao final, pretende-se sustentar que a ficção não apenas tematiza o colapso ambiental, mas participa ativamente da disputa sobre como compreendê-lo, oferecendo novas formas de imaginar o presente e seus desdobramentos.

2 ANTROPOCENO E LITERATURA

O presente trabalho parte do pressuposto de que vivemos no Antropoceno, termo utilizado para designar a época geológica em que as atividades humanas passaram a exercer impacto significativo e duradouro sobre os sistemas terrestres. Embora ainda exista debate científico acerca de sua formalização oficial pela Comissão Internacional de Estratigrafia,[4] o conceito tornou-se amplamente difundido nas ciências naturais, nas ciências humanas e nas humanidades ambientais para descrever a magnitude da interferência humana sobre o clima, os ecossistemas e os ciclos biogeoquímicos do planeta.

Entre as características frequentemente associadas ao Antropoceno destacam-se o aumento da concentração de gases de efeito estufa na atmosfera, a intensificação das mudanças climáticas, a perda acelerada de biodiversidade, a poluição generalizada por plásticos e resíduos químicos, além da urbanização e industrialização em larga escala. Esses fenômenos indicam que a humanidade deixou de ser apenas habitante do planeta para se tornar também uma força geológica capaz de alterar profundamente suas condições de habitabilidade.

Nesse cenário, o historiador Dipesh Chakrabarty argumenta que a emergência do Antropoceno desafia as categorias tradicionais do pensamento histórico e social, uma vez que torna insuficiente a separação entre história humana e história natural. Como observa o autor, a crise climática exige pensar simultaneamente a história do capital e a história da espécie (Chakrabarty, 2009, p. 220). A mudança climática, nesse sentido, pode ser compreendida como uma questão que envolve dimensões políticas, culturais e imaginativas, e não apenas como um fenômeno científico ou técnico.

Reflexões que dialogam com essas questões aparecem também em autores das humanidades ambientais contemporâneas. Para Bruno Latour, por exemplo, a crise ecológica evidencia que a distinção moderna entre natureza e sociedade tornou-se insustentável, pois humanos, tecnologias e sistemas naturais compõem redes interdependentes de existência (Latour, 2020). Já Donna Haraway propõe que a crise ambiental exige novas formas de imaginar as relações entre espécies, defendendo uma perspectiva que reconheça a interdependência entre humanos e outros seres vivos (Haraway, 2023). Nessa mesma direção, Timothy Morton propõe o conceito de hiperobjeto para descrever fenômenos distribuídos em

[4] A Comissão Internacional de Estratigrafia (ICS) rejeitou, em 2024, a proposta formal de oficializar o Antropoceno como uma nova época geológica. Embora reconheça o impacto humano, o grupo de especialistas decidiu não incluí-lo na escala de tempo oficial, preferindo descrever o fenômeno como um "evento" contínuo, e não uma época geológica formal a partir de 1950.

escalas temporais e espaciais tão amplas que desafiam a percepção humana imediata, como ocorre com o aquecimento global. Para o autor, tais fenômenos excedem as escalas convencionais de experiência e compreensão, exigindo novas formas de pensar as relações entre humanos e mundo não humano (MORTON, 2013).

Diante dessa realidade, a literatura passa a ocupar um papel relevante como espaço de elaboração simbólica da crise ambiental. Entre as abordagens críticas que se dedicam a analisar as relações entre literatura e meio ambiente destaca-se a chamada ecocrítica, campo de estudos que investiga as representações da natureza e das relações entre humanos e não humanos nas obras literárias. Segundo Lawrence Buell, um dos principais teóricos da área, a ecocrítica constitui um campo de investigação voltado para as relações entre literatura, imaginação e meio ambiente. Em *The Future of Environmental Criticism*, o autor argumenta que a crise ambiental ampliou a necessidade de compreender como as produções culturais representam e interpretam as interações entre seres humanos e o mundo natural (BUELL, 2005). Nessa perspectiva, os textos literários deixam de ser observados apenas como construções estéticas autônomas e passam a ser analisados também como formas de elaboração simbólica das questões ambientais contemporâneas.

É importante destacar, contudo, que a ecocrítica não depende necessariamente da noção de Antropoceno para existir. Desde as últimas décadas do século XX, sobretudo em países como Estados Unidos e Inglaterra, esse campo crítico já analisava obras literárias a partir de perspectivas ambientalistas, conservacionistas ou ecológicas, muitas vezes sem referência direta à ideia de crise planetária ou colapso climático. Assim, embora os estudos do Antropoceno tenham ampliado e reconfigurado o debate contemporâneo sobre ambiente e cultura, a ecocrítica constitui um campo teórico mais amplo, capaz de abarcar diferentes formas de representação da natureza na literatura.

Por outro lado, os chamados estudos do Antropoceno introduzem um enquadramento específico para essas discussões. Ao enfatizar a ideia de que a ação humana transformou o planeta em escala geológica, esse campo tende a investigar de que maneira a cultura, a arte e a literatura respondem a uma condição histórica marcada pela crise ambiental global. Nessa perspectiva, a literatura passa a ser observada não apenas como representação da natureza, mas também como espaço de elaboração simbólica das transformações planetárias provocadas pela atividade humana.

Entre outras manifestações possíveis, parte da produção literária contemporânea associada ao Antropoceno tem explorado narrativas que tensionam os limites do realismo tradicional ao representar eventos climáticos extremos, extinções em massa ou cenários

distópicos como desdobramentos plausíveis do presente. Em muitas dessas obras, o colapso ambiental deixa de ser apresentado como um evento distante ou puramente alegórico e passa a integrar o cotidiano das personagens, revelando a interdependência entre sistemas naturais, estruturas sociais e formas de vida humanas.

Nesse contexto, ganha destaque a chamada *climate fiction*, frequentemente abreviada como cli-fi, termo utilizado para designar narrativas ficcionais que abordam direta ou indiretamente as mudanças climáticas e seus impactos sociais, políticos e subjetivos. Embora a expressão tenha começado a circular de maneira mais ampla a partir de 2007, o campo consolidou-se principalmente ao longo da década de 2010, acompanhando a crescente centralidade da crise climática no debate público e cultural.

Entretanto, o cli-fi não constitui um gênero literário fechado ou homogêneo. Como observa Penteado (2021), trata-se de uma categoria temática ampla, capaz de atravessar diferentes tradições narrativas e formas literárias. A autora propõe compreender a ficção climática não como um gênero literário rigidamente delimitado, mas como uma temática encontrada em diversos gêneros. Segundo ela, “embora alguns autores considerem a ficção sobre mudanças climáticas um novo gênero ou subgênero, [...] percebo-a mais como uma temática encontrada em diversos gêneros” (Penteado, 2021, p. 96).

A pesquisadora observa que a chamada *climate fiction* abrange obras bastante diversas entre si, incluindo romances pós-apocalípticos, distopias, fantasias e narrativas mais próximas da tradição realista. Como afirma, “a ficção climática recente não segue regras de um gênero ou subgênero específico” (Penteado, 2021, p. 96). Essa perspectiva permite compreender que o elemento central do cli-fi não está na adoção de uma forma narrativa única, mas na presença da crise climática e do colapso ambiental como forças estruturantes da experiência representada.

Essa observação torna-se importante porque evidencia que a ficção climática não depende necessariamente de cenários futuristas extremos ou de tecnologias imaginárias para existir. Muitas obras associadas ao cli-fi aproximam-se do realismo contemporâneo e trabalham com processos ambientais já observáveis no presente histórico. Em vez de representar um futuro completamente distante, essas narrativas frequentemente intensificam tendências sociais, políticas e ecológicas já em curso.

A discussão proposta por Penteado (2021) também permite compreender que a ficção climática emerge em um contexto histórico marcado pela crescente centralidade das mudanças climáticas no imaginário contemporâneo. Ao reunir narrativas marcadas por catástrofes ambientais, escassez de recursos, deslocamentos populacionais e reorganizações

sociais, o cli-fi transforma a crise ecológica em elemento constitutivo da experiência narrativa. Mais do que projetar cenários futuristas distantes, muitas dessas obras aproximam o colapso ambiental da vida cotidiana, evidenciando continuidades entre o presente histórico e futuros possíveis. Nesse horizonte, a literatura passa a funcionar como espaço de elaboração simbólica das ansiedades, conflitos e transformações associados ao Antropoceno.

Essa formulação dialoga diretamente com as reflexões propostas por Amitav Ghosh em *O Grande Desatino – Mudanças Climáticas e o Impensável*. Segundo o autor, grande parte da tradição do romance moderno, marcada por convenções realistas, tende a tratar eventos climáticos extremos como acontecimentos improváveis ou pertencentes ao domínio da fantasia. No entanto, tais fenômenos já fazem parte da experiência cotidiana em diversas regiões do planeta. Para Ghosh, essa dificuldade de representação contribui para que a crise climática permaneça, em certa medida, invisível no campo da cultura.

Essa reflexão torna-se particularmente relevante para os estudos literários, pois levanta a questão de como narrar um mundo marcado por transformações ambientais profundas. Se a crise climática desafia as categorias tradicionais do realismo narrativo, a literatura contemporânea é frequentemente levada a experimentar novas formas de representação capazes de integrar eventos extremos, instabilidade ecológica e colapso ambiental à experiência cotidiana. Nesse cenário, gêneros como a ficção especulativa, a distopia e o próprio cli-fi ganham destaque, pois permitem imaginar as consequências sociais, políticas e ambientais de processos já observáveis no presente. Ao projetar futuros marcados por escassez de recursos, reorganização das relações sociais ou transformações radicais nos modos de vida, essas narrativas funcionam como instrumentos críticos capazes de revelar tensões estruturais do mundo contemporâneo.

É nesse horizonte que se insere *A Extinção das Abelhas* (Polesso, 2021). Ao construir um universo ficcional em que o desaparecimento de uma espécie fundamental para o equilíbrio ecológico desencadeia uma série de transformações ambientais, sociais e subjetivas, o romance dialoga diretamente com debates contemporâneos sobre crise climática, biodiversidade e colapso ambiental. Embora a obra dialogue com elementos da distopia e da ficção especulativa, sua construção narrativa mantém forte vínculo com experiências sociais reconhecíveis do presente histórico, aproximando-se da concepção ampliada de cli-fi discutida por Penteado (2021). O colapso ecológico não aparece como evento extraordinário separado da realidade cotidiana, mas como intensificação de processos políticos, econômicos e ambientais já perceptíveis no mundo contemporâneo.

Assim, o Antropoceno não constitui apenas o pano de fundo histórico deste trabalho, mas também o problema que orienta sua investigação. Diante de um mundo em que eventos climáticos extremos e transformações ambientais passaram a integrar a experiência cotidiana, coloca-se a seguinte questão: de que maneira a literatura pode representar e talvez compreender um presente marcado pela possibilidade permanente de colapso ecológico?

3 AS IDEIAS DE AMITAV GHOSH EM O GRANDE DESATINO

Em *O Grande Desatino – Mudanças Climáticas e o Impensável*, publicado originalmente em 2016 e lançado no Brasil em 2022, o escritor e ensaísta indiano Amitav Ghosh propõe uma reflexão sobre as relações entre crise climática, cultura e formas narrativas. O ponto de partida de sua análise é a constatação de que as mudanças climáticas não representam apenas um problema científico ou político, mas também um desafio para os modos culturais de imaginar e narrar o mundo contemporâneo.

Segundo Ghosh, embora exista amplo consenso científico acerca do aquecimento global, a crise climática permanece relativamente marginal em grande parte das narrativas culturais modernas, incluindo a literatura. Para o autor, essa dificuldade está ligada às convenções narrativas que estruturaram a imaginação literária moderna. Como observa,

> os desafios que as mudanças climáticas impõem ao escritor contemporâneo, embora específicos em alguns aspectos, se originam de um fenômeno mais abrangente e antigo: em última análise, derivam das formas e convenções literárias que moldaram a imaginação narrativa precisamente naquele período em que o acúmulo de carbono na atmosfera estava reescrevendo o destino da Terra. (Ghosh, 2022, p. 13)

Em outras palavras, a dificuldade de representar o colapso ambiental não decorre apenas da escala do fenômeno, mas também das estruturas narrativas herdadas pela tradição literária.

Um dos focos centrais da crítica de Ghosh recai sobre o romance realista moderno. Na visão do autor, esse modelo narrativo consolidou-se a partir de determinadas convenções formais: a centralidade da experiência individual, a valorização de causalidades plausíveis e a ênfase em acontecimentos considerados ordinários dentro da vida social. Nesse enquadramento, eventos altamente improváveis ou de grande magnitude, como ciclones devastadores, enchentes extremas ou incêndios de grande escala, tendem a ser percebidos como excessos narrativos, frequentemente associados a gêneros muitas vezes considerados periféricos, como a ficção científica ou a literatura fantástica.

Essa distinção torna-se problemática no contexto contemporâneo. Fenômenos climáticos extremos, antes considerados raros ou excepcionais, passaram a ocorrer com frequência crescente em diferentes regiões do planeta. Diante dessa nova realidade, Ghosh questiona se as formas narrativas tradicionais do romance seriam capazes de representar adequadamente um mundo marcado por instabilidade ambiental. Em determinado momento do livro, o autor formula essa questão de maneira provocativa:

> Será que as correntes do aquecimento global são violentas demais para que possamos navegá-las nas barcas habituais da narração? A verdade, como agora se sabe muito bem, é que entramos em uma época na qual esses extremos se tornaram a norma: se certas formas literárias não conseguem enfrentar essas torrentes, então elas estão fracassando - e seus fracassos terão de ser tomados como um aspecto do fracasso mais amplo da cultura e da imaginação em geral, que está no cerne da crise climática. (Ghosh, 2022, p. 14)

A pergunta acima evidencia o núcleo de seu argumento: as mudanças climáticas desafiam não apenas as instituições políticas ou os sistemas econômicos, mas também os modos pelos quais a sociedade constrói narrativas sobre si mesma. Se eventos climáticos extremos passaram a integrar a experiência histórica contemporânea, torna-se necessário encontrar formas de representação capazes de incorporá-los ao campo do narrável. Como observa o próprio autor,

> (...) na era do aquecimento global, nada realmente está muito longe; não há lugar onde as expectativas ordeiras da vida burguesa permaneçam sob rígido controle. É como se nossa terra tivesse se tornado um crítico literário e agora estivesse rindo de Flaubert, Bankim e outros do tipo, zombando da maneira como *eles* zombam dos "acontecimentos prodigiosos" que ocorrem com tanta frequência em contos aventurescos e poemas épicos. (Ghosh, 2022, p. 34)

Com essa observação, Ghosh sugere que o próprio planeta passou a desestabilizar as expectativas narrativas herdadas do realismo moderno. Aquilo que antes era considerado extraordinário ou improvável — tempestades violentas, incêndios devastadores ou secas prolongadas — passou a fazer parte do horizonte concreto da experiência histórica contemporânea.

Ao discutir essa questão, Ghosh também recupera episódios históricos que evidenciam a relação entre perturbações ambientais e produção literária. Um dos exemplos mais conhecidos mencionados pelo autor é a erupção do vulcão Tambora, em 1815, que provocou o chamado "ano sem verão" e reuniu um grupo de escritores na Suíça, entre eles Mary Shelley. Foi nesse contexto que Mary Shelley concebeu a ideia que daria origem a *Frankenstein* (1818), obra frequentemente considerada fundadora da ficção científica moderna. Para Ghosh, esse episódio sugere que eventos ambientais extraordinários já desempenharam papel significativo na história da literatura. Ele também pontua que "naquela época, não parece ter havido nenhum motivo para considerar que *Frankenstein* não pertencesse à literatura hegemônica. Só mais tarde o livro seria considerado o primeiro grande romance da ficção científica (Ghosh, 2022, p. 77).

Ainda assim, o autor argumenta que a literatura contemporânea, especialmente aquela associada ao romance realista, muitas vezes demonstra dificuldade em lidar com fenômenos cuja escala ultrapassa a experiência individual. O aquecimento global envolve processos distribuídos no tempo e no espaço, conectando sistemas ecológicos, dinâmicas econômicas e estruturas políticas em escala planetária. Essas características tornam complexa sua representação dentro de formas narrativas centradas em trajetórias pessoais ou temporalidades relativamente curtas.

Além da dimensão formal, Ghosh relaciona a crise climática a processos históricos mais amplos. Em diferentes momentos da obra, o autor enfatiza que as mudanças climáticas estão profundamente vinculadas à expansão do capitalismo industrial, ao colonialismo e aos projetos imperiais que marcaram a modernidade. A exploração intensiva de recursos naturais e a dependência de combustíveis fósseis, nesse sentido, fazem parte de um processo histórico global que articulou desenvolvimento econômico, poder político e transformação ambiental.

Diante desse quadro, Ghosh defende que a literatura pode desempenhar papel relevante na elaboração cultural da crise ambiental. Ao integrar transformações ecológicas e eventos climáticos extremos às narrativas, a ficção tem potencial para tornar visíveis as interdependências entre sistemas naturais, estruturas sociais e experiências humanas. Mais do que antecipar futuros distópicos, trata-se de reconhecer que a instabilidade ambiental já constitui uma dimensão concreta do presente histórico.

Essa perspectiva tem implicações importantes para os estudos literários. Em vez de tratar a questão ambiental apenas como tema ou cenário narrativo, torna-se necessário investigar de que maneira as formas literárias respondem às transformações provocadas pela crise climática. A literatura passa a ser observada, assim, como espaço de elaboração simbólica das mudanças ambientais que marcam o Antropoceno.

É nesse horizonte que se torna possível situar a análise do romance *A Extinção das Abelhas*, de Natalia Borges Polesso. A obra constrói um universo ficcional em que a degradação ambiental simbolizada pela extinção das abelhas e pela instabilidade ecológica atravessa diretamente a vida cotidiana das personagens. Em vez de aparecer como projeção futurista distante, o colapso ambiental constitui o pano de fundo concreto da experiência social representada no romance.

Ao integrar a crise ecológica às dinâmicas ordinárias da vida social, a narrativa de Polesso dialoga com o problema identificado por Ghosh: a necessidade de incorporar as transformações climáticas ao campo do real narrativo. Nesse sentido, as reflexões apresentadas em *O Grande Desatino* oferecem um referencial teórico importante para

compreender como a literatura contemporânea pode responder ao desafio de representar um mundo marcado por instabilidade ambiental crescente.

Assim, a análise da obra de Polesso permite observar de que maneira a ficção literária participa da elaboração simbólica do Antropoceno, integrando colapso ecológico, transformações sociais e experiências subjetivas em uma mesma estrutura narrativa.

4 NATALIA BORGES POLESSO E A *EXTINÇÃO DAS ABELHAS*

Publicado em 2021, o romance *A Extinção das Abelhas*, de Natalia Borges Polesso, recupera uma tradição de narrativas que articulam colapso ambiental e reorganização subjetiva. A obra não se limita a representar tematicamente a crise climática; constrói uma experiência narrativa em que degradação ecológica, precarização política e desintegração psíquica se articulam mutuamente. Nesse sentido, o romance pode ser lido como tentativa de representar literariamente as condições de vida em um mundo marcado pela instabilidade ecológica e social característica do Antropoceno.

A narrativa acompanha Regina, protagonista que vivencia um processo gradual de deterioração em múltiplas dimensões: ambiental, social e subjetiva. Enquanto a extinção das abelhas se consolida como evento global, desencadeando uma cascata de efeitos sobre a produção de alimentos, a organização econômica e a estabilidade política, a vida cotidiana também se fragmenta.

A informação sobre a extinção das abelhas aparece logo no início da narrativa. Regina, ao dirigir-se à mãe que a abandonou na infância, recorda uma memória familiar envolvendo os insetos:

> Tu lembra que naquele dia a gente teve que ir embora correndo por causa de um enxame de abelhas? Deixamos meu chinelo para trás. Eu fui pisando nas rosetas e chorando até a Kombi. E amava aquele chinelo, era da Mulher-Maravilha. A Denise ficou com um olho inchado por causa de uma picada. Todo mundo rindo da situação, enquanto a Eugênia dirigia e fumava, preocupada. A Eugênia tinha um cheiro de cigarro, um cheiro azedo. Sabia que ela não fuma mais? (Polesso, 2021, p. 15-16).

A lembrança funciona como elemento de ligação entre memória pessoal e catástrofe ambiental. Aquilo que inicialmente aparece como episódio doméstico (uma fuga de um enxame) passa a adquirir, retrospectivamente, um significado mais amplo, já que o desaparecimento das abelhas constitui o eixo simbólico da crise ecológica descrita no romance.

Na sequência, o tópico reaparece para caracterizar o ambiente em colapso:

> Sabia que não tem mais abelha agora por aqui? Quer dizer, tem, mas é raro, quase não se vê. Não pode matar em hipótese alguma. E eu lembro que naquele dia matamos umas quantas. O pai enrolou alguma coisa, uma esteira, uma revista. E saiu batendo e matando. Jogaram uma toalha em cima de mim. Eu não conseguia ver. Só fui arrastada pela mão. Por ti ou pelo pai. Sei lá. Era bom quando alguém te levava pela mão. Pois é. Não pode mais. Não pode mais matar abelha.
>
> Avisaram que isso aconteceria, a gente ficou com medo, por causa da polinização, da vegetação, de toda a cadeia alimentar, mas o governo, a Agrotech, toda aquela cambada disse que estava tudo "sob controle", que havia "outros meios"

> e que a função da tecnologia era "superar a natureza" e que já estava em fase de implementação uma nova técnica de polinização. Sim, essas foram as declarações.Vai saber. Se estão fazendo, não tá chegando pra todo mundo. O que chega é podre de veneno. E o que não tem veneno é só podre ou caro. Não tem mais semente também. Quer dizer, tem, mas não em tudo. Tem abelha onde tu tá? E semente? Onde tu tá caralha? Aí tu também ouve a palavra colapso todos os dias? (Polesso, 2021, p. 17)

Nesse trecho, a narrativa associa diretamente a extinção das abelhas à lógica de exploração tecnológica e econômica da natureza. O discurso de que a tecnologia poderia "superar a natureza" revela uma crítica à ideia moderna de domínio absoluto sobre os sistemas naturais. Ao mesmo tempo, a menção à empresa "Agrotech" e às declarações oficiais sugere a presença de uma retórica política que minimiza os riscos ambientais, elemento que dialoga com debates contemporâneos sobre negacionismo climático e políticas ambientais permissivas.

Em relação à estrutura, o romance organiza-se em três partes, que acompanham diferentes momentos do agravamento da crise ambiental e social. Na primeira parte, a narrativa apresenta um cenário inicial de instabilidade, no qual já se observam os efeitos da degradação ambiental, com a constatação da morte massiva de abelhas. Nesse momento, a autora introduz um contexto social marcado por desigualdades profundas e pela precarização das condições de vida.

Na segunda parte, o enredo aprofunda o cenário de colapso, evidenciando a intensificação das tensões sociais e o agravamento das condições de sobrevivência. A narrativa destaca a incapacidade das instituições de lidar com a crise ambiental, enquanto a desigualdade se torna mais visível: grupos privilegiados buscam formas de proteção ou fuga, enquanto grande parte da população permanece exposta à fome, à violência e ao abandono.

Na terceira parte, o romance apresenta um mundo ainda mais transformado pelo colapso ecológico, marcado por deslocamentos constantes e pela busca por refúgio. A trajetória da protagonista Regina evidencia essa condição de desorientação e perda, especialmente quando ela foge para uma comunidade localizada além da fronteira argentina. Nesse momento, a narrativa enfatiza a condição de refugiadas climáticas das personagens e reforça a crítica ao modelo de desenvolvimento responsável pela crise ambiental.

No romance de Polesso, a crise climática não aparece como projeção futura distante, mas como intensificação de tendências já perceptíveis no presente histórico. As respostas institucionais ao colapso assumem frequentemente contornos autoritários, evidenciados pelo surgimento de milícias, pelo controle territorial e pela deterioração das instituições políticas. Embora *A Extinção das Abelhas* opere em chave ficcional e especulativa, esses elementos

funcionam como construções alegóricas que dialogam com processos históricos concretos observados no Brasil e em outras partes do mundo, especialmente o avanço de governos de extrema direita, o enfraquecimento de políticas ambientais e a naturalização de discursos autoritários. A narrativa, assim, não projeta apenas um futuro distópico, mas reorganiza criticamente tensões já presentes no contemporâneo, transformando o colapso ambiental em expressão ampliada de crises políticas, sociais e democráticas do presente.

No contexto brasileiro, esse diálogo torna-se particularmente evidente quando se observa o modo como o romance associa colapso ambiental, desregulamentação estatal e precarização da vida social. Durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), quando a obra foi publicada, o discurso ambiental frequentemente assumiu caráter abertamente hostil à fiscalização ecológica, à preservação ambiental e aos povos indígenas. Um episódio emblemático ocorreu na reunião ministerial de 22 de abril de 2020, posteriormente tornada pública por decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), quando o então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, afirmou ser necessário "ir passando a boiada" enquanto a atenção da imprensa estava voltada para a pandemia da Covid-19.[5] A expressão tornou-se símbolo de uma política de flexibilização ambiental conduzida em meio a um contexto de crise sanitária e instabilidade institucional.

O momento histórico ajuda a compreender a lógica simbólica presente em *A Extinção das Abelhas*. Quando a narrativa menciona empresas como a "Agrotech" e autoridades que insistem em afirmar que a situação está "sob controle", apesar do avanço do colapso ecológico, o romance não apenas descreve um cenário distópico, mas dramatiza mecanismos contemporâneos de negação e gestão política da crise ambiental. A insistência em soluções tecnológicas abstratas, associada ao enfraquecimento da proteção ambiental, ecoa discursos que marcaram o debate público brasileiro nos últimos anos, especialmente aqueles ligados à expansão do agronegócio e à flexibilização de regulações ambientais.

Ao mesmo tempo, a obra também dialoga com uma conjuntura internacional marcada pelo fortalecimento de lideranças nacionalistas e negacionistas. A ascensão política de Donald Trump nos Estados Unidos consolidou uma retórica que frequentemente colocou em dúvida consensos científicos relacionados às mudanças climáticas e estimulou políticas de desregulamentação ambiental. Nesse cenário, discursos autoritários passaram a se articular de

[5] Em reunião ministerial de 22 de abril de 2020, posteriormente divulgada pelo STF, o então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, afirmou que o governo deveria aproveitar o foco da imprensa na pandemia de Covid-19 para "ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas", em referência à flexibilização de regulações ambientais (CNN BRASIL, 2020).

maneira cada vez mais intensa com modelos econômicos baseados na exploração intensiva de recursos naturais e na rejeição de mecanismos de enfrentamento da crise climática.

Em *A Extinção das Abelhas*, esse processo aparece transfigurado na forma de um mundo em que as instituições políticas já não conseguem responder coletivamente ao desastre ambiental. O avanço de milícias, o fechamento de territórios e a fragmentação das redes de proteção social funcionam, nesse sentido, como imagens extremadas de tendências já presentes nas democracias contemporâneas. A narrativa sugere que o colapso ecológico não produz apenas escassez material, mas também reconfigura as formas de organização política e intensifica dinâmicas autoritárias preexistentes.

Essa leitura ganha ainda mais força quando relacionada a acontecimentos recentes ocorridos no próprio Rio Grande do Sul, espaço central do romance. As enchentes que atingiram Porto Alegre em 2024 evidenciaram a vulnerabilidade das estruturas urbanas diante da intensificação de eventos climáticos extremos. Durante a crise, parte do debate público concentrou-se na precarização histórica de sistemas de proteção contra enchentes, na insuficiência de políticas preventivas e na condução da gestão municipal pelo prefeito Sebastião Melo. Nesse contexto, a catástrofe, além de evidenciar a força destrutiva dos eventos climáticos, revelou os efeitos políticos de décadas de negligência em relação à infraestrutura urbana e ao planejamento ambiental.

A proximidade entre essas experiências históricas e a narrativa de Polesso ajuda a compreender por que o romance insiste em representar o colapso como agravamento progressivo de vulnerabilidades já existentes, e não apenas como ruptura súbita. A distopia construída pela autora não emerge de um evento isolado ou extraordinário; ela nasce da continuidade de processos políticos, econômicos e ambientais que já estruturam o presente. É justamente essa aproximação entre realidade histórica e imaginação ficcional que torna a narrativa particularmente incômoda. O romance sugere que o futuro catastrófico se encontra parcialmente inscrito nas formas contemporâneas de gestão da vida, da natureza e da política.

Esse contexto de deterioração estrutural repercute diretamente na trajetória de Regina. À medida que enfrenta precariedade material crescente, ela passa a sobreviver por meio de atividades mediadas pela internet, realizando videochats eróticos. O trabalho digital não aparece apenas como recurso econômico, mas como sintoma de um mundo em dissolução, no qual vínculos afetivos, relações de trabalho e formas de convivência tornam-se cada vez mais instáveis.

Paralelamente, a violência social também se intensifica, sobretudo contra grupos socialmente marginalizados, como mulheres lésbicas e pessoas trans, grupo ao qual a própria

Regina pertence e cuja vulnerabilidade se torna ainda mais evidente em um contexto de colapso institucional e avanço de discursos autoritários. Em determinado momento do romance, Regina relata:

> Saí de todas as redes sociais e joguei o computador na gaveta dos cabos, depois que subiu no monitor mais uma daquelas notícias horrendas: sites que incentivavam a perseguição, o estupro e o extermínio de mulheres lésbicas e homens trans pululavam na internet e mais uma vítima havia sido encontrada morta. Era um jogo e tinha uma tabela bem específica de pontuação. Não era a deep web. Tava ali, acessível. Alguém já havia nos alertado. (Polesso, 2021, p. 113).

A escolha de Polesso de construir a comunidade de sobrevivência do romance majoritariamente a partir de mulheres lésbicas e de uma mulher trans não parece casual. Em vez de acompanhar sujeitos tradicionalmente associados à figura universal do "humano", a narrativa desloca o foco para corpos historicamente vulnerabilizados e socialmente precarizados. Essa perspectiva aproxima-se das críticas feministas e *queer* ao conceito de Antropoceno discutidas por Claudia de Lima Costa. Como questiona a autora: "Quem está, afinal, incluído no, e excluído do, antropos do antropoceno?" (Costa, 2021, p. 110).

A pesquisadora observa ainda que "a precariedade dos corpos racializados que tentam sobreviver cotidianamente em contextos ecologicamente degradados traz outras interrogações ao debate sobre o fim do mundo" (Costa, 2021, p. 113). Em *A Extinção das Abelhas*, o colapso ambiental atinge toda a sociedade, mas não de maneira homogênea: mulheres lésbicas e pessoas trans aparecem entre aqueles cuja sobrevivência se torna mais frágil em um mundo marcado pela erosão das instituições democráticas, pela intensificação da violência social e pela naturalização da exclusão.

A circulação aberta desse tipo de violência evidencia que o colapso representado pela narrativa vai além da dimensão ecológica, atingindo também os campos político, ético e subjetivo. A degradação ambiental aparece articulada à deterioração das relações sociais, sugerindo que a destruição dos ecossistemas caminha lado a lado com a naturalização da violência e da precarização da vida.

A aproximação entre colapso ambiental e colapso psíquico constitui, assim, um dos aspectos mais significativos da narrativa. À medida que os equilíbrios ecológicos se rompem, também se fragilizam as estruturas emocionais e simbólicas que sustentam a experiência cotidiana das personagens. A degradação do ambiente extrapola o plano externo e infiltra-se na percepção, na memória e na própria experiência do tempo.

Nesse sentido, a desorientação vivida por Regina pode ser lida tanto como drama individual quanto como expressão subjetiva de um mundo marcado pela instabilidade

permanente. A conexão entre ruína ambiental e sofrimento psíquico sugere que o Antropoceno transforma paisagens e sistemas naturais e também modifica as formas de sentir, perceber e habitar o mundo. Para o leitor, essa articulação produz um efeito importante: o colapso climático deixa de ser compreendido como fenômeno distante ou abstrato e passa a ser experimentado como condição existencial capaz de perpassar relações sociais e modos de vida.

O espaço geográfico também se torna elemento central da narrativa. O Rio Grande do Sul, onde Regina vive, é progressivamente isolado. Sanções governamentais restringem fluxos de materiais e circulação de pessoas; o território torna-se zona de abandono para aqueles que não possuem condições de migrar. A clausura do estado reforça a sensação de aprisionamento e intensifica a experiência de precariedade. O colapso ambiental converte-se, simultaneamente, em colapso político e territorial.

A condição de isolamento vivida pelas personagens também estabelece diálogo indireto com experiências recentes da pandemia de Covid-19. Publicado em 2021, o romance surge em um contexto histórico marcado por quarentenas, restrições de circulação, medo do contágio e aprofundamento das desigualdades sociais. Embora *A Extinção das Abelhas* não trate diretamente da pandemia, a atmosfera de clausura e desagregação coletiva presente na narrativa aproxima-se da experiência social vivida naquele período. O fechamento de fronteiras, a dificuldade de deslocamento e a sensação constante de insegurança transformam o espaço em elemento de tensão permanente, produzindo uma percepção de mundo marcada pela instabilidade e pela interrupção da normalidade cotidiana.

Essa aproximação torna-se ainda mais significativa quando se considera o contexto político brasileiro durante a crise sanitária. Assim como ocorreu em relação às questões ambientais, a pandemia foi atravessada por discursos negacionistas, disputas em torno da ciência e conflitos relacionados à condução das políticas públicas. Nesse sentido, o romance de Polesso articula diferentes formas de colapso (sanitário, ambiental, político e social) como manifestações interligadas de uma mesma crise estrutural. O isolamento do Rio Grande do Sul e o abandono progressivo das personagens evocam, simbolicamente, experiências de vulnerabilidade e desamparo que marcaram amplos setores da população brasileira durante a pandemia, especialmente aqueles já submetidos a condições precárias de existência.

É nesse cenário de fragmentação social e insegurança permanente que emerge um deslocamento decisivo na narrativa. Regina é encontrada por um grupo de amigas que planeja atravessar o estado rumo à fronteira argentina. Forma-se, então, uma pequena comunidade de refugiadas climáticas composta por três mulheres lésbicas e uma mulher trans que atravessa

um território devastado em busca de sobrevivência. A travessia adquire, assim, um sentido que ultrapassa o simples deslocamento geográfico. Diante do colapso das instituições e da ruptura das formas tradicionais de proteção social, a sobrevivência passa a depender da construção de redes de apoio e de solidariedade.

Essa travessia adquire uma dimensão simbólica. A caminhada por paisagens arruinadas remete, em certa medida, à tradição da literatura brasileira que tematiza deslocamentos forçados diante de condições ambientais adversas, como ocorre nas narrativas sobre a seca no Nordeste. No entanto, em *A Extinção das Abelhas* a migração não se organiza apenas como busca por subsistência material. A travessia também se apresenta como tentativa de reconstrução de vínculos afetivos e de formas alternativas de convivência. A formação dessa pequena comunidade sugere a possibilidade de reorganização da vida social em bases mais solidárias, ainda que sob condições extremamente precárias.

Ao chegar a um refúgio já do lado argentino, o grupo experimenta um momento de suspensão da precariedade. Ao se permitirem mergulhar em um lago, vivenciam uma cena de comunhão atravessada por ternura e beleza. A experiência coletiva sugere a possibilidade de reconstrução da vida marcada pela solidariedade e pela partilha. A sobrevivência, nesse contexto, é simultaneamente biológica e relacional.

Entretanto, a narrativa não aponta para um horizonte utópico. A instabilidade estrutural do mundo impede qualquer consolidação definitiva. O refúgio permanece provisório, e a consciência dessa transitoriedade recoloca as personagens sob a lógica do deslocamento contínuo.

4.1 A ORGANIZAÇÃO FORMAL DO ROMANCE E A ESTÉTICA DO COLAPSO

Além de seu conteúdo temático, *A Extinção das Abelhas* apresenta uma estrutura formal que reforça literariamente a experiência de instabilidade descrita na narrativa. O romance é composto por pequenos capítulos fragmentados, organizados de modo a produzir uma sensação constante de descontinuidade. A fragmentação opera como recurso estilístico e como princípio organizador da própria experiência narrativa. Em vez de uma progressão linear e estável, a leitura é marcada por interrupções, deslocamentos e rupturas que acompanham o estado de desagregação do mundo representado.

Esse procedimento formal aparece de maneira mais evidente na primeira parte do romance. Nela, os capítulos possuem títulos que frequentemente funcionam como continuidade ou deslocamento do fragmento narrativo anterior, criando um efeito de suspensão e incompletude. O sentido permanece provisoriamente interrompido até que o leitor avance para o segmento seguinte, sendo levado a reconstruir continuamente a conexão entre as partes da narrativa.

Esse recurso pode ser observado logo no início da obra. Após narrar a morte da gata Paranoia e refletir sobre a sensação de abandono que atravessa sua vida, Regina encerra um capítulo com uma vírgula, afirmando: “Uma sensação. Uma falta bem ali. Talvez o desejo de não estar tão desamparada agora,” (Polesso, 2021, p. 14).

Na página seguinte, o novo capítulo se inicia abruptamente com a invocação “Mãe,” no título, seguida da lembrança do episódio envolvendo as abelhas: “Eu lembrei daquele dia na represa...” (Polesso, 2021, p. 15). A passagem de um fragmento ao outro produz uma ruptura repentina entre morte e memória. A fragmentação formal faz com que o leitor experimente a narrativa de maneira descontínua, como se os próprios vínculos entre passado e presente estivessem em processo de deterioração.

A mudança abrupta entre os capítulos também evidencia a maneira pela qual a subjetividade da protagonista é construída a partir de fragmentos de memória, perdas afetivas e sinais do colapso ecológico. A morte da gata, a lembrança da mãe ausente e o desaparecimento das abelhas aparecem encadeados sem uma lógica linear, optando por associações emocionais e simbólicas. Forma e conteúdo tornam-se inseparáveis: a descontinuidade narrativa expressa a experiência subjetiva de um mundo em crise.

Entretanto, a própria organização formal do romance sofre alterações ao longo da narrativa. Na segunda e na terceira partes da obra, os capítulos deixam de possuir títulos,

tornando a fragmentação ainda mais radical. A supressão progressiva desses elementos de orientação narrativa contribui para intensificar a sensação de desamparo e descontinuidade.

Se na primeira parte ainda existem marcas formais que organizam minimamente a leitura, nas partes posteriores o romance passa a operar de maneira mais fragmentada, como se o agravamento do colapso ambiental e social também produzisse uma erosão das estruturas narrativas tradicionais.

Essa escolha formal reforça a experiência de instabilidade que atravessa a trajetória de Regina. As mudanças abruptas entre capítulos, a alternância de registros narrativos e a ausência de transições convencionais produzem uma percepção descontínua do tempo e do espaço. O leitor é constantemente deslocado entre memórias pessoais, reflexões subjetivas, notícias sobre o colapso ambiental e experiências imediatas de sobrevivência. A oscilação entre esses planos narrativos reproduz formalmente a desorientação vivida pelas personagens diante de um mundo em processo de desagregação.

No final do romance, contudo, os títulos retornam de maneira significativa. Os dois últimos capítulos retomam o procedimento formal da primeira parte da obra ao assumir explicitamente a forma de cartas: primeiro, uma carta da mãe, Guadalupe, para Regina; depois, uma carta de Regina para a mãe. O retorno dos títulos nesse momento específico da narrativa produz um efeito simbólico importante. Após um longo processo de fragmentação, deslocamento e perda de referências, o romance retoma a forma da carta como tentativa de reconstrução de vínculo e comunicação.

Ainda assim, o romance evita qualquer sensação de recomposição definitiva. As cartas finais não restauram plenamente a estabilidade afetiva ou narrativa; ao contrário, reafirmam o caráter incompleto e provisório das relações em um mundo marcado pelo colapso. Mesmo o gesto de escrever surge marcado pela distância, pela ausência e pela impossibilidade de retorno a uma ordem anterior. A fragmentação, portanto, vai além de uma característica formal localizada, tornando-se o princípio estrutural que percorre toda a obra.

Essa estrutura fragmentada do romance pode ser interpretada como expressão estética do próprio colapso retratado na narrativa. Assim como os sistemas ecológicos, políticos e sociais entram em processo de ruptura, também a narrativa abandona a estabilidade formal característica do romance tradicional. A descontinuidade da forma narrativa exprime a desagregação do mundo representado. O colapso ambiental vai além do tema da narrativa, infiltrando-se em sua própria organização estrutural.

Essa escolha formal também permite compreender por que a experiência subjetiva das personagens aparece marcada por confusão, ansiedade e perda de referência. A instabilidade

explícita no ambiente externo inflitra-se e atravessa a própria percepção da realidade. O leitor, submetido a cortes, lacunas e continuidades interrompidas, passa a experimentar formalmente algo da desorientação que constitui o universo narrativo. A leitura deixa de ser experiência de fluidez e passa a reproduzir a precariedade do mundo ficcional.

Dessa maneira, a organização formal de *A Extinção das Abelhas* aproxima-se das discussões propostas por *O Grande Desatino – Mudanças Climáticas e o Impensável*. Ao discutir os limites do romance moderno diante da crise climática, Amitav Ghosh argumenta que as formas narrativas tradicionais, estruturadas em torno da estabilidade e da previsibilidade, encontram dificuldades para representar fenômenos marcados pela ruptura e pela imprevisibilidade. O romance de Natalia Borges Polesso responde a esse impasse tanto no plano temático quanto formalmente. Ao integrar a catástrofe ambiental à experiência cotidiana e fragmentar a própria estrutura narrativa, a obra recusa tratar o colapso como evento excepcional ou distante. O extraordinário deixa de ser exceção e passa a constituir a própria lógica da vida cotidiana.

Assim, a forma literária assume papel central na construção do sentido do romance. A estética da fragmentação é mais do que um recurso de estilo, tornando-se um mecanismo fundamental de representação do Antropoceno. A narrativa transforma a leitura em experiência de instabilidade, fazendo com que o colapso ambiental seja percebido como condição que se manifesta na própria forma do texto, para além do conteúdo narrado.

5 DIÁLOGO ENTRE *O GRANDE DESATINO* E *A EXTINÇÃO DAS ABELHAS*

A leitura conjunta de *O Grande Desatino – Mudanças Climáticas e o Impensável*, de Amitav Ghosh, e *A Extinção das Abelhas*, de Natalia Borges Polesso, ajuda a compreender como a literatura contemporânea vem enfrentando o desafio de representar a crise climática como condição histórica que transforma a própria experiência do real. Enquanto o ensaio de Ghosh formula um diagnóstico crítico sobre os limites das formas narrativas modernas diante do Antropoceno, o romance de Polesso oferece uma realização literária concreta desse problema, incorporando o colapso ambiental à organização da vida cotidiana, das relações sociais e da própria estrutura narrativa.

Em *O Grande Desatino*, Ghosh argumenta que o romance realista moderno consolidou-se a partir de pressupostos de estabilidade, previsibilidade causal e centralidade da experiência individual burguesa. Nesse modelo narrativo, acontecimentos extremos, como enchentes, incêndios, secas prolongadas ou ciclones, tendem a aparecer como eventos improváveis ou excessivos para o horizonte do cotidiano. Por isso, frequentemente foram deslocados para gêneros considerados periféricos, como a ficção científica, a fantasia ou a literatura de aventura. O problema, segundo o autor, é que o Antropoceno altera profundamente essa lógica: aquilo que antes parecia extraordinário passou a integrar a experiência ordinária do presente histórico.

É justamente nesse ponto que *A Extinção das Abelhas* pode estabelecer um diálogo com as reflexões de Ghosh. No romance de Polesso, o colapso ambiental não surge como catástrofe espetacular isolada nem como projeção futurista distante. A degradação ecológica constitui o pano de fundo permanente da vida social, atravessando alimentação, trabalho, relações afetivas, circulação de pessoas e formas de organização política. A extinção das abelhas não aparece apenas como símbolo abstrato da crise ambiental, mas como desencadeador concreto de transformações sistêmicas que reorganizam toda a experiência cotidiana.

Esse aspecto torna-se evidente logo no início da obra, quando Regina associa a memória infantil do enxame de abelhas ao presente marcado pela escassez de alimentos, pela toxicidade dos produtos disponíveis e pela sensação constante de colapso. O desaparecimento dos insetos não é um evento excepcional; ele é parte de um processo gradual de deterioração ecológica já incorporado à rotina das personagens. O romance responderia, assim, ao impasse identificado por Ghosh: o extraordinário deixa de ocupar uma posição marginal e passa a estruturar o próprio real narrativo.

Ao mesmo tempo, a obra de Polesso mostra que a crise climática não pode ser dissociada das estruturas políticas e econômicas contemporâneas. Em *A Extinção das Abelhas*, o colapso ambiental aparece diretamente articulado ao avanço do autoritarismo, à precarização do trabalho e à fragilização das instituições democráticas. O isolamento progressivo do Rio Grande do Sul, o surgimento de milícias e a circulação de discursos violentos indicam que a degradação ecológica intensifica desigualdades e vulnerabilidades já presentes no tecido social.

Nesse sentido, o romance sugere que o Antropoceno, além de produzir transformações ambientais, reorganiza profundamente as formas de vida. A trajetória de Regina evidencia esse processo. Diante da deterioração das condições materiais de existência, a protagonista passa a sobreviver realizando videochats eróticos mediados por plataformas digitais. O trabalho aparece inserido em um contexto marcado pela informalidade, pela instabilidade e pela dissolução progressiva das garantias sociais.

Essa dimensão da narrativa aproxima-se de debates contemporâneos sobre o chamado capitalismo de plataforma, conceito desenvolvido por Nick Srnicek (2018) para descrever um modelo econômico em que grandes empresas de tecnologia passam a controlar infraestruturas digitais responsáveis por organizar trabalho, comunicação e consumo em escala global. Companhias como Amazon, Google, Meta e Uber operam a partir da extração massiva de dados e da transferência de riscos para os próprios trabalhadores, intensificando relações marcadas pela informalidade e pela precarização.

Em *A Extinção das Abelhas*, essa lógica aparece de maneira evidente na trajetória de Regina. Em meio ao agravamento do colapso ambiental e da precarização econômica, ela depende de atividades mediadas pela internet para sobreviver, realizando videochats eróticos. O ambiente digital, nesse contexto, não é um espaço de emancipação ou liberdade, e sim a extensão das próprias condições de vulnerabilidade produzidas pelo colapso social. A tecnologia aparece integrada a uma economia em que os indivíduos precisam transformar continuamente a própria intimidade, o corpo e a subjetividade em recursos econômicos para garantir a sobrevivência.

A própria presença do "colapsômetro" no romance reforça essa lógica.

> No dia que anunciaram o colapsômetro como "medida de proteção e segurança planetária", eu ri e chorei. Montaram um circo em Davos, a gente acompanhou pelas redes. Todos os palhaços, doidos e leões decrépitos que mandavam no mundo estavam lá. Sem mágicos, no entanto. Ninguém tiraria da lapela uma solução. Sem equilibristas. Ninguém ponderou prós e contras com os números sistematicamente apresentados pelas pesquisas. Nem faquires. Ninguém estaria disposto a se deitar em chão duro ou engolir o metal que a gente sentia na garganta. Só aquela gente para a

> qual você tem nojo de olhar. Gente com terno com tecido liso e sapato lustro. A mulher sueca foi proibida de pisar na cidade. Fez greve de fome e um pronunciamento online. Derrubaram. Seguiram com a transmissão oficial. (Polesso, 2021, p.25)

A escolha de Davos como espaço de anúncio do colapsômetro não é casual. Associada ao Fórum Econômico Mundial e às elites políticas e econômicas globais, a cidade funciona, no romance, como símbolo de uma administração técnica da crise climática, na qual o colapso ambiental é convertido em índice, estatística e mecanismo internacional de monitoramento do risco.

Na narrativa, o colapsômetro consiste em um sistema digital que contabiliza o avanço do colapso ambiental por meio de uma espécie de contagem regressiva associada à deterioração das condições de vida no planeta. Esse monitoramento permanente aparece integrado ao cotidiano das personagens e vinculado a recompensas fiscais e benefícios econômicos, transformando a crise climática em dado constantemente acompanhado, administrado e consumido. A narrativa sugere, assim, que o desastre ecológico deixa de operar apenas como ameaça coletiva e converte-se também em informação circulável, economicamente explorável e incorporada à dinâmica do consumo digital e da gamificação da vida cotidiana pelas estruturas tecnológicas do mundo narrado.

Desse modo, o romance evidencia que as crises ambiental e econômica não operam separadamente. Ao contrário, o colapso ecológico intensifica formas já existentes de desigualdade e acelera processos de precarização típicos do capitalismo contemporâneo. Em um mundo marcado pela instabilidade climática, pela escassez de recursos e pela fragilização das instituições públicas, as plataformas digitais tornam-se mecanismos de administração da sobrevivência individual. A responsabilidade pela manutenção da vida é progressivamente deslocada para os próprios sujeitos, enquanto empresas e estruturas de poder continuam concentrando recursos, controle tecnológico e capacidade de gestão dos fluxos econômicos e sociais.

Além da precarização material, a narrativa também explora os impactos subjetivos do colapso. Em *A Extinção das Abelhas*, a degradação ambiental infiltra-se na percepção, na memória e na experiência emocional das personagens. O colapso ecológico converte-se simultaneamente em colapso psíquico. A desorientação vivida por Regina é, antes, manifestação subjetiva de um mundo marcado pela instabilidade permanente do que drama individual.

Essa articulação entre crise ambiental e sofrimento psíquico ajuda a compreender por que o romance produz um efeito incômodo para o leitor. A ameaça climática deixa de

aparecer como fenômeno distante ou abstrato e passa a ser percebida como condição existencial que afeta relações afetivas, formas de trabalho e experiências cotidianas. O colapso não está apenas "fora", nos ecossistemas destruídos ou nas paisagens arruinadas; ele também reorganiza modos de sentir e de habitar o mundo.

Outro aspecto importante do diálogo entre Ghosh e Polesso encontra-se na dimensão formal da obra. Conforme discutido anteriormente, a fragmentação estrutural do romance rompe com a linearidade tradicional e transforma a leitura em experiência de instabilidade. A descontinuidade entre capítulos, a supressão progressiva de títulos e a oscilação entre memória, presente e deslocamento territorial fazem com que a própria narrativa reproduza formalmente a sensação de desagregação do mundo representado.

Essa escolha estética aproxima-se diretamente das reflexões de Ghosh sobre os limites das formas narrativas modernas diante da crise climática. Se o romance realista tradicional foi estruturado a partir de expectativas de estabilidade e continuidade, obras como *A Extinção das Abelhas* respondem ao Antropoceno por meio de uma forma marcada pela ruptura, pela fragmentação e pela perda de referenciais fixos. O colapso ambiental vai além do conteúdo narrado: manifesta-se na própria organização do texto.

Ao lado da experiência de ruína, entretanto, o romance também constrói formas precárias de resistência. A travessia realizada por Regina e pelo pequeno grupo formado por três mulheres lésbicas e uma mulher trans introduz a possibilidade de criação de vínculos solidários em meio ao colapso. A formação dessa pequena comunidade desloca parcialmente a lógica individualizante que estrutura o mundo em crise.

Essa dimensão pode ser aproximada da noção de marronagem desenvolvida por Dénètem Touam Bona. Em *Sabedoria dos Cipós* (2025), o filósofo propõe compreender a fuga como prática de invenção de modos de vida alternativos diante de estruturas de dominação, e não como mera evasão. Sob essa perspectiva, o deslocamento das personagens em *A Extinção das Abelhas* vai além da tentativa de sobrevivência física: configura-se como experiência de criação coletiva baseada em cuidado, mobilidade e apoio mútuo.

Ao mesmo tempo, o romance não se reduz à representação pura da distopia. Embora o mundo narrado seja marcado pela precariedade, pela violência e pelo colapso ambiental, certas cenas introduzem brechas de convivência e reorganização afetiva que impedem uma leitura inteiramente pessimista da obra. Nesse sentido, a narrativa aproxima-se da noção de "ustopia", mobilizada por Ildney Cavalcanti a partir da obra de Margaret Atwood. Segundo a pesquisadora, a ustopia parte da compreensão de que toda utopia carrega elementos distópicos e toda distopia preserva possibilidades residuais de esperança e reorganização coletiva. Em

narrativas marcadas pelo colapso ambiental, a esperança não desaparece completamente, mas passa a existir de maneira parcial, ambígua e precária (Cavalcanti, 2021).

Essa formulação permite compreender com maior precisão a ambiguidade presente no desfecho de *A Extinção das Abelhas*. O romance não aponta para um horizonte utópico de reconstrução total da sociedade nem oferece solução definitiva para a crise climática. Ainda assim, a travessia coletiva e a constituição de pequenos vínculos solidários introduzem formas provisórias de cuidado e pertencimento em meio à ruína. A cena do mergulho no lago, já em território argentino, sintetiza simbolicamente essa tensão entre devastação e possibilidade. Ao entrarem juntas na água, as personagens experimentam um instante de suspensão da precariedade e do medo que marcaram sua trajetória. Trata-se da emergência de um espaço momentâneo de convivência e recomposição afetiva dentro de um mundo ainda destruído, sem que isso signifique a superação do colapso.

A leitura proposta por Cavalcanti também dialoga com reflexões de Donna Haraway sobre o Chthuluceno, conceito que enfatiza formas de coexistência, interdependência e sobrevivência coletiva em contextos de crise ecológica. Assim como em parte das narrativas analisadas pela pesquisadora, entre elas a trilogia *MaddAddam*, de Atwood, *A Extinção das Abelhas* sugere que, mesmo em cenários de colapso ambiental, persistem possibilidades limitadas de reconstrução comunitária. A resistência abandona a forma de grandes projetos políticos ou utopias totalizantes e emerge em experiências frágeis de solidariedade, deslocamento coletivo e cuidado mútuo.

Desse modo, o diálogo entre *O Grande Desatino* e *A Extinção das Abelhas* evidencia duas formas complementares de enfrentar o problema da representação do Antropoceno. O ensaio de Ghosh formula um diagnóstico crítico sobre os limites da imaginação moderna diante da crise climática. O romance de Polesso, por sua vez, demonstra como a literatura contemporânea pode responder a esse desafio por meio da experimentação formal e da incorporação do colapso ambiental à experiência cotidiana.

Ao representar um mundo em que o extraordinário se tornou parte da normalidade histórica, *A Extinção das Abelhas* evidencia que imaginar a ruína não constitui exercício meramente pessimista. Trata-se, antes, de reconhecer as transformações já em curso e de explorar, no interior da literatura, as possibilidades de vida, vínculo e resistência que ainda podem emergir em meio à instabilidade do presente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu da reflexão proposta por Amitav Ghosh em *O Grande Desatino – Mudanças Climáticas e o Impensável*: a crise climática é também uma crise da imaginação. Ao argumentar que o romance moderno encontra dificuldades para incorporar eventos climáticos extremos ao campo da experiência ordinária, Ghosh desloca o debate ambiental para além das ciências naturais e da política institucional, situando-o também no plano da cultura e das formas narrativas.

A análise de *A Extinção das Abelhas*, de Natalia Borges Polesso, permitiu observar como a literatura contemporânea pode responder a esse desafio por meio da ficção especulativa e da experimentação formal. O romance trata o colapso ambiental como elemento estruturante das relações sociais, da subjetividade das personagens e da própria organização do texto, e não como simples pano de fundo narrativo. A extinção das abelhas funciona simultaneamente como dado ecológico concreto e como símbolo da fragilidade sistêmica que caracteriza o presente histórico.

Ao longo da análise, tornou-se evidente que a obra articula diferentes dimensões da crise contemporânea. Degradação ambiental, precarização do trabalho, autoritarismo político, violência social e sofrimento psíquico aparecem interligados, indicando que o Antropoceno não transforma apenas os ecossistemas, mas também reorganiza profundamente modos de vida, formas de convivência e experiências subjetivas. O romance sugere que o colapso não constitui ruptura súbita ou evento excepcional, mas agravamento de vulnerabilidades já presentes no mundo contemporâneo.

A narrativa de Polesso também evidencia como a crise climática intensifica desigualdades sociais e atinge de maneira particular grupos historicamente marginalizados. Mulheres lésbicas, pessoas trans e sujeitos precarizados aparecem mais expostos à violência e ao abandono institucional em um contexto de deterioração ecológica e avanço autoritário. O romance demonstra que a crise ambiental não pode ser compreendida isoladamente das estruturas políticas, econômicas e sociais que organizam o presente.

Além do conteúdo temático, observou-se que a própria forma fragmentada do romance participa da representação do colapso. A descontinuidade narrativa, a ruptura da linearidade e a fragmentação estrutural transformam a leitura em experiência de instabilidade. O colapso ambiental deixa de ser apenas assunto narrado e passa a se manifestar na própria organização do texto. Forma e conteúdo tornam-se inseparáveis.

Essa dimensão formal reforça o diálogo da obra com as reflexões de Ghosh. Se o autor indiano argumenta que as convenções do romance moderno encontram dificuldades para representar fenômenos marcados pela imprevisibilidade e pela ruptura, *A Extinção das Abelhas* demonstra como a literatura contemporânea pode reinventar suas estratégias narrativas diante das exigências do Antropoceno. O romance responde ao problema tematizando a crise climática e, ao mesmo tempo, reorganizando formalmente a experiência narrativa.

Ao mesmo tempo, a obra evita tanto soluções utópicas quanto visões completamente apocalípticas. Mesmo em meio ao colapso, persistem formas precárias de solidariedade, cuidado e reconstrução de vínculos. A travessia realizada pelas personagens e a formação de uma pequena comunidade de sobrevivência sugerem que a resistência não ocorre pela restauração de uma ordem perdida, mas pela criação de modos provisórios de convivência em um mundo marcado pela instabilidade.

Importa destacar, contudo, que este trabalho não atribui à literatura uma função salvacionista. A ficção não resolve a crise climática nem substitui ações políticas concretas. Ainda assim, desempenha papel importante ao ampliar o campo da sensibilidade e da reflexão crítica. Ao tornar o colapso narrável, a literatura contribui para deslocar percepções, produzir novas formas de imaginação histórica e tensionar discursos que naturalizam a destruição ambiental.

A leitura comparada entre Ghosh e Polesso evidencia, portanto, que imaginar o colapso é também um gesto de responsabilidade intelectual e estética. Representar a ruína não significa celebrá-la, mas confrontar criticamente as estruturas históricas, econômicas e políticas que a produzem. Em um contexto em que eventos extremos passaram a integrar a experiência cotidiana, a literatura reafirma sua relevância como espaço de elaboração simbólica das transformações em curso.

Por fim, pode-se concluir que a ficção contemporânea acompanha a crise climática e participa ativamente da disputa sobre como compreendê-la. Ao reinventar formas narrativas e ampliar o horizonte do imaginável, obras como *A Extinção das Abelhas* demonstram que a literatura continua sendo espaço fundamental para pensar o presente histórico do Antropoceno e suas consequências para a vida coletiva.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Queimadas atingiram 30 milhões de hectares no país em 2024. 24 jun. 2025. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/meio-ambiente/noticia/2025-06/queimadas-atingiram-30-milhoes-de-hectares-no-pais-em-2024. Acesso em: 22 mar. 2026.

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS E SANEAMENTO BÁSICO (ANA). Estudo aponta que enchentes de 2024 foram maior desastre natural da história do RS e sugere caminhos para futuro com eventos extremos mais frequentes. 30 abr. 2025. Disponível em: https://www.gov.br/ana/pt-br/assuntos/noticias-e-eventos/noticias/estudo-aponta-que-enchentes-de-2024-foram-maior-desastre-natural-da-historia-do-rs-e-sugere-caminhos-para-futuro-com-eventos-extremos-mais-frequentes. Acesso em: 22 mar. 2026.

ARAUJO, André. Quando o familiar se tornou um alienígena? Sobre antropoceno e ficção. Revista Pernambuco, n. 206, abr. 2023.

BUELL, Lawrence. The Future of Environmental Criticism: Environmental Crisis and Literary Imagination. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2005.

BONA, Dénètem Touam. Sabedoria dos cipós: Cosmopoéticas da fuga na floresta. São Paulo: Ubu Editora, 2025.

CAVALCANTI, Ildney. Ustopias do/no Chthuluceno: Margaret Atwood e a imaginação ecológica contemporânea. In: TORRES, Sonia; PENTEADO, Marina Pereira (orgs.). Literatura e Arte no Antropoceno: conceitos e representações. Rio de Janeiro: Makunaima, 2021. p. 120-138.

CHAKRABARTY, Dipesh. The climate of history: four theses. Critical Inquiry, Chicago, v. 35, n. 2, p. 197–222, 2009.

CNN BRASIL. Ministro do Meio Ambiente sugere “passar boiada” enquanto o foco é coronavírus. São Paulo, 22 maio 2020. Disponível em: CNN Brasil. Acesso em: 23 maio 2026.

COSTA, Claudia de Lima. O Antropoceno como conceito. In: TORRES, Sonia; PENTEADO, Marina Pereira (orgs.). Literatura e arte no Antropoceno: conceitos e representações. Rio de Janeiro: Makunaima; FAPERJ, 2021. p. 107-119.

G1. 2025 foi o terceiro ano mais quente da história, aponta observatório climático europeu. 14 jan. 2026. Disponível em: https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2026/01/14/2025-foi-o-terceiro-ano-mais-quente-da-historia-aponta-observatorio-climatico-europeu.ghtml. Acesso em: 22 mar. 2026.

GHOSH, Amitav. O grande desatino. Tradução de Renato Prelorentzou. São Paulo: Quina Editora, 2022.

HARAWAY, Donna. Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno. Tradução de Susana Dias. São Paulo: n-1 edições, 2023.

LATOUR, Bruno. Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MORTON, Timothy. Hyperobjects: Philosophy and Ecology after the End of the World. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). ONU confirma 2024 como o ano mais quente já registrado, com cerca de 1,55°C acima dos níveis pré-industriais. 10 jan. 2025. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/287173-onu-confirma-2024-como-o-ano-mais-quente-j%C3%A1-registrado-com-cerca-de-155%C2%B0c-acima-dos-n%C3%ADveis. Acesso em: 22 mar. 2026.

PENTEADO, Marina Pereira. Ficção climática e Antropoceno. In: TORRES, Sonia; PENTEADO, Marina Pereira (orgs.). Literatura e Arte no Antropoceno: conceitos e representações. Rio de Janeiro: Makunaima, 2021. p. 94-106.

POLESSO, Natalia Borges. A extinção das abelhas. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SRNICEK, Nick. Capitalismo de plataforma. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.